

CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO LITERÁRIO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**CONTRIBUTIONS OF LITERACY LITERATURE TO READER TRAINING**Kayrolayne Perpétua Ladislau Faria¹
Renato de Oliveira Dering²

Resumo: O seguinte trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica, onde o enfoque é compreender sobre leitura, letramento, e o letramento literário. No qual foram buscados os seguintes autores Antunes (2003), Cosson (2014), Feire (2001), Kleiman (2001), Lakatos (2017), Martins (2012), Soares (2004,2015). Após um período de pesquisa bibliográfica pude analisar que o que se diz a respeito sobre leitura e o letramento, neste artigo vamos analisar quais são os conceitos e como são trabalhados a leitura e o letramento em sala de aula, e quais são os métodos que podemos usar para que haja efetivamente uma formação de leitores na educação básica. Partimos da seguinte hipótese de que o Letramento e o Letramento Literário são práticas metodológicas que auxiliam na autonomia dos alunos em sua trajetória escolar. Sabendo disso, elas propiciam uma organização na aquisição e domínio da capacidade de leitura. As possibilidades que a leitura e a leitura literária trazem são infinitas, contudo, devem ser bem pontuadas e trabalhadas, para que atinjam seu objetivo, principalmente na educação básica. As contribuições dos estudos do Letramento, nessa perspectiva, são essenciais visto que eles auxiliam na criticidade e na ampliação de saberes dos educandos. Usando o letramento literário para uma formação crítica, podemos fazer com que desde cedo as crianças possam entender como funciona a leitura, e o letramento é um auxílio para isso, fazendo com que o letramento literário incentive a leitura de livros de conteúdos científicos ou até mesmo de história. Que para nossa geração é algo comum, a leitura de livros e de textos com cunho crítico, pois vem ganhando certo espaço.

Palavras-chave: Leitura. Letramento. Alfabetização. Letramento Literário.

Abstract: The following work was done through bibliographic research, where the focus is to understand reading, literacy, and literary literacy. The following authors were searched Antunes (2003), Cosson (2014), Feire (2001), Kleiman (2001), Lakatos (2017), Martins (2012), Soares (2004,2015). After a period of bibliographic research I was able to analyze that what is said about reading and literacy, in this article we will analyze what are the concepts and how are reading and literacy worked in the classroom, and what are the methods we can use for effective reader training in basic education. We start from the following hypothesis that Literacy and Literary Literacy are methodological practices that help the autonomy of students in their school career. Knowing this, they enable an organization to acquire and master reading ability. The possibilities that reading and literary reading bring are infinite, however, they must be well punctuated and worked to achieve their goal, especially in basic education. The contributions of literacy studies, in this perspective, are essential since they help in the criticality and the expansion of knowledge of the students. Using literary literacy for critical training, we can make children understand how reading works early on, and literacy is an aid to that, making literary literacy encourage reading books of scientific content or even Of history. That for our generation is something common, the reading of books and texts with critical nature, because it has been gaining a certain space.

Keywords: Reading. Literacy Literacy. Literary Literacy.

¹ Graduada em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1343133598155728>. E-mail: kayrolayne@gmail.com.

² Professor Assistente no Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Líder pesquisador do grupo FORPROLL/CNPq/UFVJM. E-mail: professordering@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0776-3436 E-mail: professordering@gmail.com

Introdução

A falta de hábito de leituras é fator preocupante no processo de escolarização, que perpassa desde o ensino básico até o superior. No Brasil, essa preocupação parece ser ainda maior, seja pelo baixo índice de leitura ou pela própria forma como formação do jovem brasileiro é conduzido. Em reportagem de janeiro deste ano, do escritor e filósofo Davi Lago (2019), publicada no portal G1 Economia, por exemplo, o autor aponta que até 2016, o brasileiro não ultrapassava a marca de 3 livros por ano, tendo a escola com um dos menores influenciadores das motivações de leitura.

O fato é que a leitura parece não ser incentivada como hábito na educação básica ou tem-se uma tentativa falha, em muitos casos. Assim, o que se percebe é que esse incentivo, quando é realizado, ocorre somente pela escola e, muitas vezes, de forma obrigatória, seja porque está no Projeto Político Pedagógico ou demais projetos de leituras no decorrer do ano. O que se observa, portanto, é que essa leitura proposta acaba sendo para cumprir planejamentos, o que a torna mais desinteressante. “Quando se trata da utilização de livros literários, a situação segue semelhantemente à maneira de utilizá-los em sala de aula.” (DERING; FILETTI, 2013, p. 247)

A leitura de livros literários, portanto, parece ser ainda pior, visto que ela não é feita com foco em realmente incentivar a leitura e conhecimento, mas para o cumprimento de atividades e conteúdos programáticos. É preciso entender, a priori, que a primeira leitura da criança não são os livros propostos pela escola, mas outras diversas, que vão da leitura de cartazes até filmes.

Contudo, ao entrar na escola, a leitura, geralmente, volta-se para textos em livros didáticos e literários. Afunila-se, então, o que é leitura para as crianças: aquilo que a escola define. Deste modo, ainda que se pontue a necessidade de que algumas leituras sejam direcionadas, a exclusão de outras é não apenas um problema na educação básica, como se torna um entrave na formação de um leitor, pois, nessa vertente, priva-se as leituras por gosto, por uma definida como “melhor”.

É nesse momento que se discute, portanto, a importância do Letramento enquanto uma prática social da escrita e da leitura. Assim, quando falamos em Letramento, em primeira instância, referimo-nos à capacidade de ler e compreender o que se lê. Falamos da relação entre a cultura dos sujeitos e as demais culturas, bem como essas bagagens se dialogam em um processo de construção de conhecimentos.

Quando se há uma preocupação de compreender a prática social da leitura, preocupa-se também como será o desenvolvimento da criança nessa relação entre suas leituras e seus conhecimentos, bem como com os saberes que ainda irá adquirir e suas formas de interação. É nessa consoante que o presente trabalho busca trabalhar sobre o letramento, estabelecendo as relações da importância do letramento com a leitura de prazer, principalmente no que se refere à literatura. Observando tais apontamentos, o presente trabalho

pretende discutir como os estudos do Letramento e do Letramento Literário são importantes para a formação de leitores na Educação Básica.

Primeiras reflexões sobre leitura

Por muito tempo na história da educação no Brasil – e socialmente aceito – o que se entendeu por leitura foi o simples ato de saber decodificar os símbolos linguísticos os quais nos foram apresentados. O processo de descobrimento da leitura, nessa perspectiva, sempre foi muito rígido, visto que se tratava de um processo de “decoração” do alfabeto, para depois juntar as letras e, assim, formar a leitura das palavras. Assim deu-se, em muitos espaços e por anos, a ideia de leitura, vinculada à alfabetização como codificação e decodificação. Por isso, é preciso compreender que: “O conhecimento é algo que se encontra num processo de construção permanente, não é algo pronto e acabado, mas nem sempre é entendido dessa forma.” (ANDRADE; SILVA; DERING, 2019, p. 73).

Compreendemos, portanto, que a alfabetização é um processo incessante na vida do sujeito, que se faz necessário por toda a vida. Contudo, “alfabetização em seu sentido próprio, específico: [é o] processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” (SDARES, 2015, p. 15). Diz ainda que:

Em sentido pleno, o processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonema e grafema, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificamente morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão (SDARES, 2015, p. 17)

Contudo, a autora pontua que o processo de alfabetização é individual, mas que se volta para um meio social. Logo, por isso se faz necessário que a ação alfabetização seja constante, durante todo o processo de ensino da educação básica. Deste modo, ainda que possamos compreender, a primeiro momento, que esse processo tem um lado mecânico, que é a habilidade de codificar (escrever) e decodificar (ler), bem como a apresentação de grafemas (escrita) e fonemas (fala), a relação que o aluno estabelece entre eles e suas funções é que efetiva o letramento.

Logo, a leitura não pode se restringir a esse ato, visto que ela se relaciona com outros processos, em si: como o ato de ler e com o sujeito. “[...] a leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados” (KLEIMAN, 2013, p. 12) Assim, toma-se, a priori, que ler é potencializar signos e não reproduzi-los. E, ao potencializar, estabelecer relações, visto que toda leitura é social. Logo, “A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida” (KLEIMAN, 2013, p.15, grifo da autora).

Portanto, ao se pensar na leitura como um ato social, compreendemos também que o “letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2004, p. 18). Assim, se observarmos como o ensino ocorre outro, percebe-se mudanças, mas vestígios desse tipo de leitura ainda hoje existem e reverberam nas aulas de leitura – quando há – e no ensino de Língua Portuguesa. Contudo:

Apesar de séculos de civilizações, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler e escrever se resume à decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. (MARTINS, 2006, p. 23).

É fato que reflexões, principalmente voltadas às leituras, apresentam-se nas salas de aula com um nível maior de dificuldade, uma vez que estamos acostumados com o ensino tradicional e técnico, em que o professor é detentor do conhecimento. Logo, “ele fala o que precisa ser falado”. Trata-se, ainda, de um ensino que se volta ao modelo bancário, já pontuado por Freire (2015, p. 80), em que “em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem”, com ou sem contextualização dos sujeitos e seus locais de fala. Logo, o que pontuamos é que esse tipo de ensino ainda vigora em boa parte das salas de aula, todavia, ele se torna cada vez mais distante da realidade dos alunos, uma vez que os assuntos parecem não terem mais significados e as formas de repassá-los, menos ainda.

Portanto, partindo do pressuposto que é necessário ir avante frente ao simples ato de decodificar, tem-se, segundo Martins (2006), que a intenção da leitura é passar pela decodificação e dar abertura para compreender o ato de ler, pois a leitura vai muito além de palavras soltas, mas tem a ver com seu sentido e as potências desse sentido. Dialogando com Freire (2003), é preciso entender que a leitura não se restringe à leitura das palavras, mas está também relacionada à leitura de mundo. Assim:

Mas, é importante dizer, a ‘leitura’ do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem um racionalista de calças curtas. “A curiosidade do menino, não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado pelos meus pais” (FREIRE, 2003, p. 15)

Nessa concepção de leitura, temos que conhecer e dialogar com nossos conhecimentos é um ato incessante, processo permanente de aprender (SOARES, 2015). Por isso é importante compreender que ler e escrever, no sentido mais restritivo, volta-se para a ideia de alfabetização, em que ler é decodificar o que está escrito, os códigos; letramento, por sua vez, visa a compreender o que foi decodificado, ampliando esse

conhecimento lido com os demais que o sujeito tem. Logo, “[...] é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as *inferências* necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente” (KLEIMAN, 2013, p. 29, grifo da autora)

Ocorre pois, que talvez, devido à cristalização de métodos que prezem a leitura pelo ato de decodificação, imbuídos na história do Brasil pela necessidade de mão-de-obra qualificada, criou-se o estigma de que “ler não é bom” ou é para “pessoas cultas”. Vale lembrar que:

[...] por ser uma escola feita para as massas, nasceu não para se dedicar aos grandes temas da humanidade, mas para oferecer uma formação instrumental, voltada para o mercado, portanto trata-se de uma escola que não está voltada para o desenvolvimento humano, mas para o desenvolvimento da indústria. (MOSE, 2013, p. 49)

Assim, no nosso dia a dia, temos a dificuldade de compreender as concepções de leitura, pois, dentro de um modelo de ensino que ainda vigora no país em muitas escolas, há poucos momentos para leitura e esses momentos são dentro da aula de Língua Portuguesa, quase que exclusivamente. O que nos leva a refletir outro ponto: o ensino de língua materna no Brasil.

Kleiman (1992) diz que grande parte do motivo dos alunos não lerem ou não gostem de ler é o fato de como a língua materna é ensinada, pois a preocupação se torna tão grande a respeito das regras gramaticais, que se é cobrado nos vestibulares da vida, que deixa de fazer certo sentido, e isso é o que falta para que os alunos se sintam atraídos pela leitura.

Segundo Antunes (2003), o ensino da leitura ainda é sobre a decodificação da escrita, sem se preocupar com a aquisição das habilidades linguísticas, que nesse momento se tornam necessárias, com o entendimento da importância do grafema (escrita) e fonema (fala), para que haja uma leitura tranquila, onde, na verdade, fazemos da leitura “uma atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura (muitas vezes, o que se lê na escola não se coincide com o que se precisa ler fora dela” (ANTUNES, 2008, p. 28).

Logo, é exatamente nesse ponto que podemos perceber uma fissura entre leitura e leitores e, principalmente na função social que a leitura deveria exercer, visto que a escola necessita trazer a convivência do aluno e de suas leituras para a sala de aula, entender qual é o seu meio, onde ele vive e seus conhecimentos para, assim, trazer metodologias de leituras práticas e funcionais. Sobre o ensino de leitura, Kleiman (2013, p. 32) ainda pontua que “[...] o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de línguas”.

Observa-se, assim, que a leitura em ambiente escola ainda está engessada, fazendo muito o uso de livros clássicos, como Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Lima Barreto, João Cabral de Melo Neto e outros, que são ditos como leitura obrigatória, mas que incita vontade de ler por razões inúmeras, desde uma leitura que foge à realidade do aluno até mesmo pela didática do professor que não propicia esse contexto de aprendizagem. Em uma visão ainda pior, professores que não são leitores.

Tipos de leitura e leitura como prática social

Um primeiro ponto de entender a leitura como uma prática social é que ela deve ser trabalhada em todas as etapas da educação, desde a fase inicial até o Ensino Superior, e, ainda, não apenas nas aulas de Língua Portuguesa. Esse hábito forma e informa pessoas em diversos níveis e contextos sociais, criando um compartilhamento de saberes e diálogos, seja entre sujeitos-leitores ou livros.

Com uma educação que busque a prática social para que o sujeito compreenda o seu lugar de fala e as relações que ele estabelece, a leitura torna-se essencial no processo de ensino e de aprendizagem. Deste modo, “mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor, que tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos” (KLEIMAN, 2013, p.71). Assim, permear a leitura em todos os níveis de educação é também reforçar a ampliação da bagagem sociocultural dos sujeitos envolvidos.

Salienta-se que a leitura muda o modo de analisar a vida e o mundo, portanto, a partir do momento que entendemos que a escola não é o único local de obtenção de conhecimento, vemos e compreendemos que a leitura se potencializa ainda mais. Por assim ser:

Dado valor da leitura em nossa sociedade, não surpreende que ler tenha se constituído em vasto campo de saber que envolve desde o mapeamento de áreas do ver cérebro no momento físico da leitura até a condução de políticas públicas destinadas a promover o domínio da escrita, criando seções específicas em disciplinas[...] alimentam as teorias da leitura, escolhemos aquela que toma a leitura como um diálogo. (COSSON, 2014, p. 34)

Dialogando com essa perspectiva, é importante ressaltar que, segundo Martins (2012), existem três tipos de leituras, três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. E cada um desses níveis corresponde a um modo de aproximação a leitura, conforme a conexão com o tipo de texto a ser lido. Tal reflexão torna-se necessária para que possamos entender suas nuances.

A leitura sensorial é envolve os sentidos, olfato, tato, paladar, audição e visão. Esse tipo de leitura é a primeira, feita no início da vida, e que se leva para toda a vida. Muitas vezes esse tipo de leitura se relaciona com

as primeiras sensações que temos no início de nossas vidas. Pode-se pensar nessa leitura como as primeiras atribuições do sujeito no mundo, na descoberta dos signos e suas funções.

A leitura emocional é o tipo de leitura que dizemos que dá prazer ao ler, aquela que o leitor consegue imaginar todos os fatos que estão sendo narrados no texto, já que nosso cotidiano é rodeado de emoções, sejam elas felizes ou tristes, mas isso faz parte do nosso dia a dia. Neste ponto é que conseguimos compreender que a leitura de algum modo nos traz alegria. A leitura de emocional ou de prazer, apesar de ser deixada de lado, é importante para a formação de leitores, visto que pelo prazer ativa-se outros modos de leitura e, claro, o hábito.

Muitas vezes descobrimos gravadas, em nossa memória, cenas e situações encontradas durante a leitura de um romance, de um filme, de uma canção. E sentimos que elas, com o passar do tempo, se tornaram referência de um período especial de nossas vidas, cheio de sonhos e de aspirações. (MARTINS, 2012, p. 50)

Enquanto isso, a leitura Racional, é uma leitura que normalmente é buscada se ler artigos e textos com embasamento científicos, algo mais intelectual, e “relacioná-la com nossas experiências emocionais e sensoriais diminui seu significado” (MARTINS, 2012, p. 62). Tem-se, segundo a autora que:

Importa pois, na leitura racional, salientar seu, caráter eminentemente reflexivo e dinâmico. Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca de realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se então um diálogo entre esse e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado. (MARTINS, 2012, p. 66)

De forma geral essas três leituras no final se fazem importante para compreender o que se foi lido de fato. Elas se relacionam cada um no seu modo de mostrar a leitura. Compreender que essas etapas são importantes em qualquer fase da vida, ajuda a entender como a leitura também faz parte do nosso convívio, e não somente em sala de aula, ou só na leitura de um livro de literatura qualquer. Elas trabalham em harmonia, e isso é um processo importante para o letramento, que é a compreensão do que se leu. Ocorre, no entanto, que esta última tem sido utilizada afastando o sujeito de sua racionalidade, principalmente na escola.

Nessa perspectiva, chamamos a atenção para a leitura em sala de aula, em que “[...] o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de línguas” (KLEIMAN, 2013, p.32). Não apenas, como parece que “[...] os conteúdos ficam tão fragmentados que levam os alunos a acreditar que estudam para os professores, para os pais, e não para si mesmos, para suas vidas”. (MOSÉ, 2013, p. 49).

Logo, é preciso compreender que a leitura, quando não vinculada a sua função social perde seu sentido, isto é, afirmamos que “a capacidade para perceber a função do contexto é de fundamental importância na leitura”

(KLEIMAN, 2013b, p. 108) e, não apenas isso, “a leitura é um dos melhores meios para ir aprendendo às poucas novas palavras que vão ficando, a cada novo encontro, mais claras” (KLEIMAN, 2013b, p. 112). Assim, “[...] ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social que fomos criados” (KLEIMAN, 2013, p.13).

Letramento e letramento literário

Muito ainda se é discutido sobre letramento literário, pois esse termo está sendo inserido com, gradativamente, na formação de professores e em diversos trabalhos acadêmicos, onde se faz evidências de que o letramento literário precisa entrar em sala de aula como uma grande ajuda para a aula, independente da disciplina, e para a formação de leitores de literatura. Por isso, é importante perceber que: “a literatura, como formação humana, cumpre seu papel quando se é lida e não quando exclui obras ou autores pelo estabelecimento do que seja cultura maior ou menor.” (DERING, MARTINS, SILVA, 2019, p. 303).

Cabe ressaltar ainda, que, segundo Soares (2004), tanto a palavra letramento quanto seu conceito é novo no Brasil, pois foi inserido no final do século XX. A palavra “letramento” se deu, primeiro, pela necessidade de configurar e nomear comportamentos na prática da leitura, quando se ultrapassa o ato só de decodificar. Kleiman (1995) mostra que o conceito de letramento começa a ser usado como prática na separação dos estudos sobre a alfabetização e destaca uma prática bem comum em sala de aula, que é a prática discursiva em um determinado grupo social, onde não se envolve, inteiramente, as atividades específicas de ler ou de escrever. Compreendendo assim o letramento é uma prática social que perpassa a escrita.

É importante entender que o letramento engloba o ato de ler e escrever, mas não se restringe apenas a essa relação, sendo “conjunto de habilidade, comportamento, conhecimento que compõe um longo e complexo *continuum*”, como já aponta Soares (2004 p. 48-49). Logo, com essa visão, compreende-se que ser letrado é possível para todos os que lhe interessa e lhe buscam, principalmente por ser ou não letrado não está vinculado à escolarização. Tem-se, portanto, que Letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2004, p. 19)

Se pensarmos no letramento na visão restrita do termo, não se torna fácil a compreensão, uma vez que “um indivíduo pode ser capaz de ler um bilhete, e não ser capaz de ler uma notícia, pode ser capaz de escrever o nome, mas não ser capaz de escrever um bilhete” (VIEIRA, 2015, p. 119). É preciso, portanto, compreender,

inicialmente que letramento vincula-se à capacidade de compreensão, abstração e práticas que envolvem a relação de conhecimento e seu uso e não com a escrita e leitura da escola.

É fundamental compreender que não existe somente uma maneira de ler, então não existe só uma forma de letramento. Ao entendermos que a leitura é um complemento ao ato de escrever e, mais do que isso, de se presenciar no mundo, entendemos que a interação entre saberes é fundamental para que haja o letramento. Logo, o letramento é parte inerente à formação social do sujeito.

As possibilidades que a leitura e a leitura literária trazem são infinitas, contudo, devem ser bem pontuadas e trabalhadas, para que atinjam seu objetivo, principalmente na educação básica. As contribuições dos estudos do Letramento, nessa perspectiva, são essenciais visto que eles auxiliam na criticidade e na ampliação de saberes dos educandos.

Silva, Dering e Tinoco (2018), pautados em Cosson (2014b), afirmam que o letramento literário está ligado às questões de envolvimento que a literatura provoca, por meio do “mundo das palavras”, isto é, as possibilidades. Por essa razão, Cosson (2014b) apresenta as ideias do Letramento Literário por uma proposta de projeto, em que o divide em sequência básica e expandida.

Segundo Cosson (2014b), a Sequência Básica perpassa alguns caminhos, são eles: motivação, introdução, leitura e interpretação. Essas etapas visam a aproximação entre leitor e livro, uma vez que a motivação é o primeiro momento, em que se criam laços entre o sujeito e a obra em si. A introdução é o conhecimento do leitor de alguns elementos da obra a ser lida, em questões físicas do livro em si. A leitura já requer maior atenção a fatores textuais e a interpretação requer a leitura da multiplicidade de significados provenientes da leitura.

Ainda segundo o autor, a Sequência Expandida: “[...] tem como centro a formação de um leitor cuja competência ultrapasse a mera decodificação dos textos, de um leitor que se aproprie de forma autônoma das obras e do próprio processo da leitura, de um leitor literário” (COSSON, 2014b, p. 120). Desse modo, o que se entende é o letramento literário se efetiva na: “[...] potencialização dos saberes propostos pela leitura e promoção de um sujeito autônomo e reflexivo.” (SILVA; DERING; TINOCO, 2018, p. 375)

Por assim ser, quando falamos que a literatura amplia os saberes e o saber ser crítico de cada sujeito, queremos dizer que a leitura possibilita observar um mundo que foge às regras da escolarização, enquanto conhecimento fixo, para se pensar em educação, no sentido amplo da palavra e enquanto um saber que não se finda. Logo, o letramento literário não apenas forma leitores, como também auxilia no aumento de sua bagagem de conhecimento, como também na criticidade do sujeito.

Usando o letramento literário para uma formação crítica, podemos fazer com que desde cedo as crianças possam entender a importância da leitura e como o letramento é um auxílio para a promoção de saberes.

Considerações

A importância da leitura é discutida há muitos anos nos espaços escolares e acadêmicos, contudo, ela surge por meio da simples decodificação em sua prática, ainda que existam discussões sobre letramento e a potencialidade da leitura. Assim, o aluno vai para a escola apenas para ler o que lhe é imposto, sem que haja um motivo maior do que aquisição das habilidades linguísticas. Deste modo, o que se percebe é que esse tipo de leitura parece não lhe acrescentar algo verdadeiramente, pois se volta a algo mecânico sem usar novos métodos para que a leitura seja algo agradável e, de fato, motivadora.

A leitura, por assim ser, deve ser vista como um ato social, visto que quando o aluno adquire essa habilidade, ele se sente parte do meio onde ele vive, sendo capaz de transformá-lo. É preciso pensar que a leitura, por ser um ato social, como posto, é sempre um processo de aprendizagem. Logo, ela é potencializadora. Por assim, o letramento, um conceito ainda novo e cheio de discussões sobre ele, principalmente no Brasil, vem aplicar tal visão sobre as possibilidades da leitura. É importante entender que o letramento, de modo geral, engloba o ato de ler e escrever, mas não se restringe apenas a essa relação, visto que, como aponta Soares (2004) e, corroboramos, trata-se de um conjunto de diversos fatores que parte do sujeito e o auxiliam em seu desenvolvimento.

Entre esses pontos, chamamos a atenção, portanto, para as possibilidades que a leitura e a leitura literária trazem, que são infinitas. Contudo, ressaltamos que se não forem realizadas de maneira adequada podem não atingir seus objetivos, principalmente nos anos que conferem à educação básica. Deste modo, os estudos do Letramento são essenciais para a formação de leitores, visto que eles auxiliam na promoção da criticidade do sujeito e possibilita ampliar saberes.

Portanto, após os estudos realizados, pôde-se compreender melhor a importância do letramento e como o letramento literário como uma proposta eficaz para a formação de leitores e o estímulo à criatividade e criticidade dos sujeitos aprendizes na educação básica. O letramento, nessa perspectiva, é fundamental para que objetivos do processo ensino-aprendizagem sejam alcançados.

Referências

ANDRADE, Andressa Simões.; SILVA, Cristiane Marinho.; DERING, Renato de Oliveira. Educação e sociedade: relações entre capital cultural e financeiro no processo de aprendizagem. **Falange Miúda**, v. 4, n. 1, p. 67 - 87, 22 jun. 2019. Disponível em: <http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/222> Acesso em: 01 jun 2020.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 10 out 2019.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. Contexto, 2014.

DERING, Renato de Oliveira; FILETTI, Elisandra. As novas mídias e as práticas educativas: literatura e cinema em ambiente escolar. **E-escrita - Revista do Curso de Letras da UNIABEU** Nilópolis, v.4, Número 2, Especial, 2013, pp. 246-257.

DERING, Renato de Oliveira; MARTINS, Pauliany Carla; SILVA, Leandro Alves da. "A formação do sujeito leitor pela experienciagem do ato de ler: breves considerações". In. Schütz, Jenerton Alan et al. **Pesquisas e escritas em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Ed. Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura, teoria e prática**, Pontes, São Paulo, 2013.

KLEIMAN, Ângela (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita**. Campinas. SP: Mercado das letras, 1995

LAGO, Davi. **Retraos da Leitura do Brasil**. GI - Economia. 06 jan 2019. Disponível em: <https://gl.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/01/06/retratos-da-leitura-no-brasil.ghtml> Acesso: 10 set 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**, São Paulo, 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**, São Paulo, 2012.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SILVA, Eduardo Dias da; DERING, Renato de Oliveira. O.; TINOCO, Robson Coelho. Práticas de leitura. **Fólio - Revista de Letras**. v. 10, n. 2, fev. 2019. Disponível em: < <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/riel/article/view/1149> > . Acesso em: 26 ago 2019.

SOARES, Magda. **Letramento um tema de três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**, São Paulo, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 2004.

VIEIRA, Hilluska de Figueiredo Sousa Carneiro. Letramento literário: um caminho possível. **Revista Arredia**. Dourados, MS. Editora UFGD. v.4, n.7, jul/dez 2015.

Recebida: 02/03/2020 | Aceita: 09/05/2020